

Alocação proferida na entrega do Prémio de História Contemporânea Jorge Fernandes Alves

Como membro do júri do Prémio de História Contemporânea – 2000, júri que integrou ainda os Professores Fátima Bonifácio e Norberto Cunha, cabe-me, desta vez, na cerimónia de entrega do prémio, a responsabilidade de proferir algumas palavras de enquadramento e justificação da respectiva atribuição.

Necessariamente, as primeiras palavras terão um pendor pessoal: não posso deixar de assinalar a gratificação que representa para mim o facto de participar numa actividade que é fruto de uma instituição do Prof. Victor de Sá, de quem tive o privilégio de ser aluno, logo no meu primeiro ano da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não esquecerei que, com o Prof. Victor de Sá, desenvolvi o meu primeiro trabalho de investigação, o qual, sem eu o pressentir, direccionaria a minha posterior carreira de investigador, permitindo-me, mais tarde, voltar ao seu contacto, já como colega, ainda que fugazmente, quando o Prof. Victor de Sá preparava já a sua retirada. Retenho e registo a imagem do professor sábio, do professor sereno, do professor acessível, imagem que ocultava uma outra faceta que todos lhe conhecíamos, a do homem lutador e, a vários títulos, resistente de longa duração.

A instituição do Prémio de História Contemporânea pelo Prof. Victor de Sá revela uma outra vertente da sua personalidade e da sua trajectória de investigador, a de ter sido um dos cabouqueiros da História Contemporânea de Portugal, procurando estudar temas de um tempo próximo e responsável directo pela modelação do presente. Liberalismo, socialismo, república, mereceram-lhe a atenção historiográfica, procurando, segundo as suas próprias palavras, “desmitificar valores dominantes e incontestados” e colmatar “as grandes omissões, os vazios criados pelo ostracismo a que tinham sido votados os intelectuais oitocentistas cujo pensamento perturbava a boa ordem liberal”. Atitude científica que, na opacidade dos dias então vividos, recebia sinais proibitivos.

O Prémio de História Contemporânea surge, neste contexto, como símbolo de um testemunho, como marca de um tempo novo, que o Prof. Victor de Sá também ajudou a construir para nós usufruirmos. Vale a pena lembrar mais algumas palavras suas, tal como as anteriores, retiradas da introdução ao livro “Sociologia em Amorim Viana”, que passo a citar:

“Hoje não se imagina – felizmente já não é fácil imaginar! – o quanto foi difícil e custoso, doloroso mesmo, romper esse cerco mental, espécie de cordão sanitário, que tolhia e asfixiava as novas gerações. Por um lado na família, por outro na escola, enfim e sempre na própria sociedade contida e vigiada, o cerco estava montado e as brechas quase imperceptíveis”.

Agora, a análise histórica sobre a época contemporânea apresenta, entre outros incentivos, em que o maior será sem dúvida o favor do público, o Prémio desta Universidade, numa iniciativa do Prof. Victor de Sá, institucionalmente acolhida e dinamizada pelo Conselho Cultural de uma “universidade nova” como é a Universidade do Minho, que o tem sabido potenciar e prestigiar. E, como estímulo que pretende ser, o Prémio está mesmo limitado à candidatura de jovens, em termos etários, procurando incentivar, reconhecer e legitimar as contribuições de novos historiadores. A história deste Prémio mostra que é uma aposta ganha, tendo sido galardoado um número já significativo de trabalhos para a compreensão da época contemporânea portuguesa. E, sobretudo, estimulou-se um conjunto de jovens que apresentaram trabalhos brilhantes a prosseguirem nos caminhos da investigação, proporcionando-lhes um dado significativo para o seu *curriculum*.

A história do prémio e a sua função de estímulo terá mesmo de ir para lá dos galardoados, pois verifica-se anualmente um grupo significativo de concorrentes, dos quais, por razões óbvias, emergem apenas os premiados. Para os que não chegam a receber o prémio, mas o poderiam merecer, fica aqui uma palavra de apoio pelo contributo que também fornecem para a renovação do campo historiográfico.

Do estudo do jogo de sombras que foi o período do Estado Novo veio, mais uma vez, o Prémio relativo ao ano 2000, surgindo como o resultado consensual da apreciação pelo júri de um conjunto muito interessante de trabalhos candidatos.

Debaixo de Fogo! – Salazar e as Forças Armadas (1935-1941) é o título do trabalho premiado, elaborado pelo investigador Telmo Faria. Desenvolve-se em torno desse equilíbrio precário que marcou as relações entre os militares que fizeram o golpe de 28 de Maio de 1926 e o arquitecto da institucionalização constitucional da ditadura dela derivada – Salazar. Consolidado o movimento militar, para o qual Salazar encontrou um destino, institucionalizado o regime, que fazer com os militares? E estes, representados pelos chefes hierárquicos, que atitudes assumem perante a ordem de retorno ao quartéis e claras disposições de controlo político sobre o Exército? É respondendo a este tipo de questões, que o autor nos apresenta a reforma militar do Estado Novo naquele período, com Salazar a dar destinos diferentes aos protagonistas da revolução, em face de objectivos claros de transformar o Exército num “verdadeiro braço da defesa política do Regime”. Para a narrativa deste processo, o Autor faz uma leitura política dos acontecimentos, socorrendo-se de um amplo leque de fontes informativas, numa pesquisa minuciosa que lhe permite descortinar pormenores, tensões e estratégias. E, deste modo, fornece-nos uma narrativa inovadora, esclarecendo um processo complexo, determinante para a institucionalização do Estado Novo, num tema arredo das preocupações historiográficas tradicionais.

Assim, o trabalho vencedor honra o Prémio de História Contemporânea e, em nome do júri, endereço ao seu autor as mais vivas felicitações, com votos de uma carreira de investigação auspiciosa.

A Universidade do Minho e o seu Conselho Cultural estão de parabéns e merecem o reconhecimento da comunidade historiográfica pela atenção que, desta forma, prestam à História Contemporânea Portuguesa.